

Pesquisa

Meio Ambiente e Esporte: 50 anos

50 anos
years
Pesquisas no BRASIL
(1962-2012) • Research works
Meio Ambiente e Esporte
Environment and Sport

Uma das mais antigas linhas de pesquisa do país, “Meio Ambiente e Esporte” comemora 50 anos de produção acadêmica intensa.

No campo da ciência, a continuidade das pesquisas é um dos indicadores principais de boa qualidade. No Brasil, na área de esportes e Educação Física, uma das mais antigas linhas de pesquisa do país, “Meio Ambiente e Esporte”, comemora em 2012 seus 50 anos, com a produção de um livro eletrônico que será publicado nos próximos meses. A linha de pesquisa congregou cerca de 200 pesquisadores ou auxiliares, gestores e sujeitos de investigações, com o apoio de 17 instituições, sendo duas universidades do exterior. O responsável pela linha de pesquisa, Lamartine Da Costa (CREF 000118-G/RJ), explicou à *Revista EF* seu pioneirismo e as principais produções acadêmicas.

Revista EF – O que motivou o surgimento de pesquisas em meio ambiente no setor esportivo brasileiro?

Os decepcionantes resultados internacionais de atletas brasileiros em esportes que dependiam de resistência aeróbica em longa duração, como as provas de fundo em atletismo. Na época, a interpretação corrente era de que o clima tropical não favorecia o treinamento para tais provas e, então, conduzimos testes de comprovação, entre 1962 e 1964, nas instalações do Centro de Esportes da Marinha (RJ), e em diversos outros ambientes, incluindo locais de altitude até 850 metros. Ao final, encontramos soluções para diminuir o efeito negativo do calor ambiental no treinamento atlético.

Revista EF – Quais as repercussões deste estudo?

As repercussões foram maiores no exterior do que no Brasil, culminando com um prêmio concedido a mim, em 1967, pela Academia do Conselho Interna-



tional do Sport Militaire (ACISM) pelo avanço da pesquisa na área de Treinamento Esportivo. Além disso, a ACISM, no mesmo ano, produziu uma publicação especial em língua inglesa, divulgando o *Altitude Training*, método originado dessas pesquisas, gerando uma penetração internacional de uma produção brasileira do âmbito científico do esporte.

Revista EF – Após o sucesso internacional de seus trabalhos, o que aconteceu no Brasil?

Surgiram oportunidades para expansão dos estudos e pesquisas, como a solicitação da antiga Divisão de Educação Física do Ministério da Educação para a elaboração de uma publicação guia para dirigentes e treinadores brasileiros com relação aos Jogos Olímpicos do México em 1968 (*Planejamento México*). Nesta época, houve uma grande mobilização internacional para enfrentar as dificuldades das competições esportivas na altitude do México, e a publicação do MEC foi uma resposta ao problema. Essa publicação representou uma nova fase, deslocando o foco do treinamento esportivo para usos mais amplos nas relações do meio ambiente com atividades físicas, incluindo saúde, alimentação, comportamento social etc.

Revista EF – Qual o principal marco desta nova fase?

Sem qualquer dúvida o marco desta fase foi a publicação do livro *Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Esportivo*, que organizei juntamente com o Dr. Maurício Rocha, médico cardiologista da UFRJ, com contribuições do Dr. Luiz dos Santos, médico e professor de Educação Física, dos professores de Educação Física Mário Cantarino e Maria Lenk, entre outros colegas. A obra foi publicada em 1968 e distribuída gratuitamente em três edições pelo MEC nos anos seguintes, até completar a instalação da disciplina Treinamento Esportivo em todos os cursos de Educação Física do país.

Revista EF – Tem sido muito divulgado que foi a Copa do Mundo de Futebol do México, em 1970, que deu visibilidade ao seu método *Altitude Training*. Esta declaração corresponde à realidade?

Até certo ponto sim. Os conhecimentos levados aos responsáveis pela preparação da Seleção Brasileira na Copa 1970 foram essencialmente consequência dos desenvolvimentos havidos nos oito anos anteriores da



pesquisa e os resultados foram os já reportados em outros estudos, inclusive de um reconhecimento que fiz nas altitudes do México, em 1968, e dos efeitos da radiação solar em atletas. O que se pode resumir, de nossa interferência na Copa 1970, foi o uso da altitude como um meio positivo de melhoria de performance, não deixando este fator ambiental se manifestar como negativo. Além disso, planejamos preparar os jogadores para o enfrentamento da radiação solar na altitude do México, o que foi feito por manejo das variáveis no horário de treinamento no Rio de Janeiro e no México, como também das variáveis relacionadas à dosagem das cargas no treinamento físico ao longo dos meses de preparação física, entre outros muitos detalhes. Em síntese, o que houve com o Brasil campeão na Copa de 1970 foi uma vitória da ciência nacional.

Revista EF – Olhando em retrospecto, que destaque pode ser dado a esses 50 anos de pesquisa?

Esses 50 anos de continuidade nas investigações sobre o tema do meio ambiente e suas relações com o esporte e outras atividades físicas anteciparam a compreensão da sustentabilidade nestas áreas de conhecimento, bem como estabeleceram uma plataforma colaborativa de pesquisas por privilegiar preferencialmente a produção de livros coletivos. Por outro lado, constatou-se que as caracterizações da nossa linha de pesquisa não seguiram, em sua longa existência, os mesmos caminhos da criação do nexo da sustentabilidade, o que lhe dá um significado peculiar e único.

Evolução da linha de pesquisa “Meio Ambiente e Esporte”

Período	Temática das pesquisas
1962 – 1967	Proteção, adaptação e desenvolvimento de atletas: meio ambiente como agressor e limitador da performance.
1967 – 1970	Ambiente como meio de melhoria de performance, em articulação com alimentação, saúde e comportamento social e cultural.
1968 – 1970	Aplicação do método <i>Altitude Training</i> na Copa do Mundo de Futebol de 1970, no México.
1970 – 1977	Proteção, adaptação e desenvolvimento físico e mental de atletas em face às alterações do meio ambiente por deslocamentos internacionais.
1978 – 1981	Meio ambiente como valor a ser protegido por praticantes de atividades físicas.
1978 – 1988	Preservação do meio ambiente diante da prática massiva de esportes e de atividades de lazer; desenvolvimento socioeconômico e tecnológico como agressor do meio ambiente.
1978 – 1993	Expansão da consciência crítica ecológica e de estudos sobre a deterioração do meio ambiente em escala mundial.
1992 – 1997	Adesão do Comitê Olímpico Internacional e Federações Internacionais de esporte à promoção da sustentabilidade nas atividades e nos megaeventos esportivos.
1996 – 2001	Meio ambiente como base para relações sociais, culturais, educacionais e econômicas.
1996 – 2006	Sustentabilidade no esporte.
1996 – 2007	Gestão do Conhecimento sobre o meio ambiente e atividades físicas.
2006 – 2010	Sustentabilidade em instalações esportivas.
2010 – 2011	Mudanças climáticas.
2011	Plena utilização da sustentabilidade no esporte e atividades físicas em geral.
2012	Estudo de revisão da sustentabilidade no esporte com inclusão da “resiliência” como quarta dimensão.